

A ESCOLARIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Bernadete Campello

Resumo

Descreve as circunstâncias do surgimento do termo *information literacy* nos Estados Unidos (neste artigo, traduzido como competência informacional), mostrando como a classe bibliotecária norte-americana dele se apropriou para ressaltar sua ação educativa que vinha sendo consolidada havia várias décadas. Apresenta uma perspectiva da competência informacional como parte do letramento, em que o desenvolvimento das habilidades informacionais se daria no bojo das práticas desse processo. Relata as ações do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, que busca compreender as possibilidades de se construir uma perspectiva de competência informacional adequada à realidade brasileira.

Palavras-chave

Competência informacional; Letramento; Biblioteca escolar

SCHOOLING OF INFORMATION LITERACY

Abstract

It describes the circumstances under which the term information literacy appeared in the United States (in this article translated as informational competence), showing how North American librarians appropriated the term to stand out their educative role that has been consolidated for some decades now. It presents a perspective of information literacy as part of literacy in general, where the development of abilities to deal with information would happen in the context of literacy practices. It describes the actions of the Research Group on School Libraries which attempts to understand the possibilities for constructing a perspective of information literacy suitable to the Brazilian educational context.

Keywords

Information Literacy; Literacy; School library

1 INTRODUÇÃO

O termo *Information Literacy*, que traduzimos neste trabalho como *competência informacional*, tem despertado o interesse da comunidade brasileira de biblioteconomia e ciência da informação, especialmente de pesquisadores e bibliotecários que percebem seu compromisso de ajudar as pessoas a aprender com a informação. No nível internacional, as intensas discussões que vêm sendo realizadas sobre o assunto, apontam para a complexidade do conceito, concluindo que ele precisa ser analisado em suas diversas facetas.

Em artigo publicado em 2003 (CAMPELLO, 2003), sugerimos que a competência informacional deveria ser tratada no bojo do letramento, tendência apontada por autores que vêem o letramento como um *continuum*. É o caso de Langford (1998) que argumenta que o conceito de letramento evoluiu à medida que as necessidades de conhecimento da sociedade se modificaram, incorporando diferentes facetas que, na atualidade, incluem o uso da tecnologia da informação. A autora considera que se a competência informacional não for vista pelos educadores como parte das ações pedagógicas em geral e se for tratada pelos bibliotecários de forma isolada, é pouco provável que seja adotada como uma prática na escola. Assim, essa abordagem integra a competência informacional nas ações de letramento, evitando a fragmentação da aprendizagem e levando o bibliotecário a desenvolver sua ação educativa junto com os professores.

Outro aspecto a ser considerado é que o conceito pode ser explorado de forma mais efetiva se for abordado concretamente: dada a diversidade de práticas informacionais das diferentes comunidades (NÓBREGA, 2002), é preciso colocar a questão: competência informacional para quem?

Neste artigo, estamos tratando a competência informacional, partindo do princípio de que ela se insira nas práticas de letramento e deva ser experimentada pelas crianças desde o início de sua vida escolar. Assim, estamos falando de competência informacional na perspectiva de sua escolarização. Isso significa que consideramos possível levar os alunos a se familiarizar desde cedo com o aparato informacional do mundo letrado, desde que respeitando seu estágio de desenvolvimento. Na tentativa de ampliar o entendimento do conceito, apresentamos algumas idéias que possam ajudar a encontrar uma perspectiva brasileira para a competência informacional. Entretanto, tendo em vista que o termo teve origem em uma realidade diferente, pensamos ser necessário abordar inicialmente o contexto do seu aparecimento.

2 A ORIGEM DO TERMO *INFORMATION LITERACY*¹

O termo *Information Literacy* foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1974, para designar habilidades necessárias à utilização de bases de dados eletrônicas que estavam sendo comercializadas naquele país desde a década de 1960. Representando os interesses dos produtores dessas bases, Paul Zurkowsky (1974) apresentou naquela ocasião um relatório à National Commission on Libraries and Information Science² em que defendia a necessidade de preparar as pessoas para utilizar adequadamente esses produtos, já que seu número tendia a crescer em ritmo acelerado.

A apropriação do termo pela classe bibliotecária ocorreu na década de 1980, após a divulgação do relatório *A Nation at Risk: the Imperative for Educational Reform* (United States, 1983), um amplo diagnóstico da educação norte-americana, elaborado em função da preocupação generalizada com problemas de aprendizagem que ocorriam nas escolas do país. Naquela época, os bibliotecários de bibliotecas universitárias e escolares já tinham uma percepção clara de sua contribuição à aprendizagem e foram surpreendidos pelo fato de não ter sido a biblioteca mencionada como um recurso pedagógico. A exclusão gerou forte reação da classe que, por meio de uma série de iniciativas, procurou ressaltar sua capacidade em contribuir para a aprendizagem, especialmente no que dizia respeito ao ensino de habilidades de pesquisa, de uso da biblioteca e das fontes de informação. O termo *competência informacional* foi então usado para designar o conjunto dessas habilidades, que se faziam necessárias, especialmente em uma sociedade caracterizada por um ambiente informacional complexo. Grande número de textos sobre o assunto foi publicado na literatura da área de biblioteconomia e ciência da informação e a reação dos bibliotecários culminou com o lançamento do relatório final *do Presidential Committee on Information Literacy da American Library Association (ALA)* em 1989, que advogava a necessidade de desenvolver nas pessoas a competência informacional. O documento incluiu a seguinte descrição de competência informacional que é das mais citadas:

¹ Essa origem foi descrita por Dudziak (2003) e por Campello (2003a).

² A *National Commission on Libraries and Information Science* é a agência do governo americano encarregada de assessorar organizações públicas e privadas sobre questões de políticas de bibliotecas e informação, no nível nacional.

Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação [...] Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas (ALA, 1989).

O conceito de competência informacional na sua concepção biblioteconômica surgiu, portanto, em circunstâncias específicas da realidade dos Estados Unidos e foi sustentado pela trajetória já percorrida pelos bibliotecários norte-americanos na construção de seu papel educativo. De início, esse papel foi desempenhado no contexto da educação de usuários (chamada mais freqüentemente de *bibliographic instruction*) que vinha sendo desenvolvida havia longo tempo nas bibliotecas escolares e universitárias dos Estados Unidos³. As atividades de *bibliographic instruction* que antecederam o conceito de competência informacional vinham sendo apoiadas por iniciativas que propiciaram seu aperfeiçoamento, possibilitando aos bibliotecários contribuir de forma efetiva para a aprendizagem de habilidades informacionais. Três categorias de iniciativas podem ser identificadas:

2.1 Elaboração de documentos normativos

O mais importante desses documentos, especialmente no que diz respeito às bibliotecas escolares, é o *Information Power*, lançado em 1998, que explicita as habilidades informacionais a serem desenvolvidas na escola e demonstra as possibilidades de sua aplicação no âmbito dos conteúdos curriculares. O documento foi elaborado por iniciativa da *American Association of School Librarians* (divisão de bibliotecas escolares da ALA) para bibliotecas de escolas de ensino básico e baseia-se fortemente no conceito de competência informacional para definir não só as habilidades informacionais, mas também as funções desse tipo de biblioteca e do profissional que nela atua. No *Information Power*, as normas de competência informacional foram assim explicitadas:

³ É necessário mencionar que houve reações contrárias ao uso do termo competência informacional. Alguns bibliotecários argumentavam que *bibliographic instruction* representava de forma adequada o papel educativo da classe e que a competência informacional refletia a necessidade de fazer *marketing* da profissão (McCRANK, 1991).

Competência informacional

1. O aluno que tem competência informacional acessa a informação de forma eficiente e efetiva;
2. O aluno que tem competência informacional avalia a informação de forma crítica e competente;
3. O aluno que tem competência informacional usa a informação com precisão e criatividade;

Aprendizagem independente

4. O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e busca informação relacionada com os seus interesses pessoais com persistência;
5. O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e aprecia literatura e outras formas criativas de expressão da informação;
6. O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e se esforça para obter excelência na busca de informação e de geração de conhecimento;

Responsabilidade social

7. O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade tem competência informacional e reconhece a importância da informação para a sociedade democrática;
8. O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade tem competência informacional e pratica o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação;
9. O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade informacional tem competência informacional e participa efetivamente de grupos, a fim de buscar e gerar informação (AASL/AECT, 1998, p. 8-9).

Portanto, nos Estados Unidos, os bibliotecários que atuam em instituições de ensino contam com diretrizes que, elaboradas coletivamente pela classe, ajudam na implantação de programas de competência informacional.

2.2 Esquemas para busca e uso da informação

As atividades de *bibliographic instruction* incluíam o ensino do processo de pesquisa escolar e, conseqüentemente, os bibliotecários norte-americanos se preocuparam em desenvolver instrumentos que auxiliassem os estudantes a percorrer os diversos estágios do processo de maneira disciplinada. Nesse sentido, vários modelos foram elaborados

(STRIPLING; PITTS, 1988; MARLAND, 1981 apud ALVES, 1999^{*}) e tiveram significativa influência nas práticas de competência informacional nas escolas. Um dos mais conhecidos é o *Big6*, desenvolvido por Michael B. Eisenberg e Robert E. Berkowitz, em 1987, que propõe as seguintes etapas para a busca de informação:

1. Definição da tarefa;
 - 1.1 Definir o problema de informação;
 - 1.2 Identificar a informação necessária;
2. Estratégias de busca de informação;
 - 2.1 Determinar todas as possíveis fontes;
 - 2.2 Selecionar as melhores fontes;
3. Localização e acesso;
 - 3.1 Localizar fontes (intelectual e fisicamente);
 - 3.2 Encontrar a informação nas fontes.
4. Uso de informação
 - 4.1 Envolver-se (por exemplo: ler, ouvir, ver, tocar)
 - 4.2 Extrair informação relevante
- 5 Síntese
 - 5.1 Organizar a informação das várias fontes
 - 5.2 Apresentar a informação
- 6 Avaliação
 - 6.1 Julgar o produto (eficácia)
 - 6.2 Julgar o processo (eficiência) (WHAT, 2004).

O envolvimento dos bibliotecários norte-americanos no ensino do processo de pesquisa escolar ficou evidenciado por estudos realizados por Todd e Kuhlthau (2005a, 2005b) que investigaram em que aspectos a biblioteca escolar mais ajudava os alunos. Tanto nas respostas dos próprios alunos (13123), como nas dos professores (879), o conhecimento dos passos para busca e uso da informação foi o item mais escolhido (96,7% e 96,9% respectivamente).

2.3 Estudos e pesquisas

O conceito de competência informacional foi influenciado pelos estudos de usuários, especificamente aqueles que buscavam entender o processo de aprendizagem baseada

^{*} Marland é um autor inglês, que desenvolveu um esquema para busca de informação que teve grande influência nas práticas de educação de usuários dos bibliotecários norte-americanos.

na busca e no uso da informação. Esses estudos propiciaram fundamento teórico para as propostas de aplicação de programas de competência informacional.

Nesse sentido, uma pesquisadora que tem tido grande influência nas questões da competência informacional no âmbito das bibliotecas escolares é a norte-americana Carol Kuhlthau. Essa autora (2002) realizou uma série de estudos sobre o processo de aprendizagem pela busca e pelo uso de informação - que ocorre predominantemente na biblioteca -, baseando-se na teoria construtivista de aprendizagem, (especialmente em John Dewey e Jerome Bruner) e na dimensão afetiva da aprendizagem (George Kelly). Seus estudos, reunidos no livro *Seeking Meaning: a process approach to library and information services* (1996) resultaram no modelo chamado de *Information Search Process* (ISP). Esse modelo abarca três dimensões do processo de aprendizagem pela busca e pelo uso de informação: os pensamentos sobre o tópico (dimensão cognitiva), os sentimentos que acompanham a evolução do pensamento (dimensão afetiva) e as ações de buscar e usar fontes de informação (dimensão física), dando condições para a mediação adequada do processo. Compõe-se de sete estágios:

Estágio 1 – Início (pensar sobre a tarefa, problema ou projeto proposto e identificar possíveis tópicos ou questões para pesquisar, sentimento de incerteza);

Estágio 2 – Seleção (escolher um tópico ou questão para explorar, sentimento de otimismo);

Estágio 3 – Exploração (perceber inconsistências e incompatibilidade nas informações e nas idéias encontradas, sentimento de confusão);

Estágio 4 – Formulação (formar uma perspectiva focalizada a partir da informação encontrada, sentimento de clareza);

Estágio 5 - Coleta (reunir e documentar informação relacionada ao foco estabelecido, sentimento de confiança);

Estágio 6 – Apresentação (relacionar e expandir a perspectiva focalizada para apresentar à comunidade de aprendizes, sentimento de satisfação ou desapontamento);

Estágio 7 – Avaliação (refletir sobre o processo e o conteúdo da aprendizagem, sentimento de que desenvolveu seu próprio processo de busca de informação) (KUHALTHAU, 2001).

Outros estudos bem conhecidos na área de competência informacional são os de Christina Doyle (1992) e de Christine Bruce (1997) que, utilizando metodologias diferentes, respectivamente técnica de Delphi e fenomenografia, ajudaram a compreender melhor a questão.

Avanços podem ser observados em estudos que procuram demonstrar os resultados da aprendizagem pela busca e pelo uso da informação. Nessa linha, situa-se a investigação feita por Ross Todd (2005) que estudou uma classe de 43 alunos de ensino médio, engajados

em um projeto de pesquisa. O estudo mostrou que o ambiente de aprendizagem positivo e facilitador, com mediação adequada em cada estágio por parte de professores e bibliotecários, num processo de orientação colaborativa, beneficia a aprendizagem em geral, além de propiciar o desenvolvimento de habilidades informacionais, representadas por: maior capacidade de usar fontes de informação, de lidar com informações conflitantes, de falar sobre o tema com mais detalhes, explicitando suas necessidades de informação, entre outras.

Os estudos acima relatados abordam questões importantes para o desenvolvimento de habilidades informacionais, ampliando a compreensão do processo de aprendizagem pela busca e pelo uso de informação, possibilitando melhores condições de mediá-lo e, além disso, dando ao bibliotecário as condições de trabalhar de forma colaborativa e harmoniosa juntamente com os professores.

Essa descrição do contexto do aparecimento e da consolidação do conceito de competência informacional nos Estados Unidos teve como objetivo mostrar que um longo caminho foi percorrido para o delineamento do papel pedagógico do bibliotecário naquele país. Ali, o termo assumiu significado, na medida em que serviu para ressaltar o papel construído coletivamente pela classe bibliotecária norte-americana. O interesse despertado pelo conceito na área de biblioteconomia e ciência da informação, no Brasil, sinaliza para a necessidade de se buscar significado específico no contexto da nossa realidade.

3 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NO BRASIL

É difícil descrever o percurso do bibliotecário brasileiro na tentativa de construir seu papel educativo, que lhe permita encontrar um significado para o conceito de competência informacional no país. Dudziak (2003) considera que “No Brasil, dadas as devidas proporções, os precursores da *Information Literacy* estão entre aqueles bibliotecários que desenvolveram estudos relativos à educação de usuários”, e cita diversos autores e programas.

No que diz respeito à biblioteca escolar, propostas para educação de usuários foram feitas por Bejes e Dias (1973), Carvalho (1981), Cuartas e Gatti (1982) e Laan e Ferreira (1991), demonstrando que a preocupação com o ensino de habilidades informacionais não é recente no país⁴. Entretanto, essas propostas não se transformaram em ações efetivas nas bibliotecas e há evidências de problemas, principalmente na prática da pesquisa escolar,

⁴ Deve-se mencionar a tradução para o português do livro *Teaching the Use of Books and Libraries: a Manual for Teachers and Librarians*, de 1940, feita por Sylvio do Valle Amaral e publicada no Brasil em 1952. O livro trata de habilidades informacionais necessárias ao estudante e mostra que, desde a década de 1950, a idéia de competência informacional estava presente na comunidade biblioteconômica brasileira.

relatadas em trabalhos de pesquisadores e profissionais da área de biblioteconomia e ciência da informação (NEVES, 2000; PÉCORÁ, 1998; MARTUCCI, 1997). Esses problemas podem ser, em parte, decorrentes da falta de programas de educação de usuários, destinados a ensinar os alunos a usar a biblioteca e as fontes de informação, de forma a apoiá-los no desenvolvimento de habilidades informacionais.

Os relatos de experiências de educação de usuários são escassos e não há textos que consolidem informações que permitam identificar com clareza o estado-da-arte dessas práticas e de seus fundamentos.

A questão que se propõe então é a seguinte: há possibilidade de se consolidar o papel educativo do bibliotecário no Brasil? Que ações precisam ser efetivadas para viabilizar a contribuição do bibliotecário na aprendizagem? O conceito de competência informacional pode ajudar nesse processo?

Algumas dessas questões vêm sendo estudadas pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE)⁵ da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que desenvolve suas ações na perspectiva da escolarização da competência informacional e considerando que o desenvolvimento de habilidades informacionais faz parte do processo contínuo de letramento. Embora esse processo possa começar antes mesmo da educação formal da criança, ele se intensifica na escola, quando há mais oportunidades de aproximação com o universo letrado, no período em que a criança esteja em contato permanente com textos que circulem socialmente e com as práticas decorrentes do seu uso. A biblioteca escolar que reúne e propicia a utilização desses textos é, então, considerada um ambiente propício para as práticas de letramento.

A concordância de que o desenvolvimento de habilidades informacionais deva dar-se passo a passo e de forma integrada às práticas escolares levou à publicação do livro *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental* (KUHLETHAU, 2002). É uma metodologia adaptada para a realidade brasileira e baseada em Piaget, que identifica habilidades informacionais a serem desenvolvidas em cada faixa etária e propõe atividades que visam a aprendizagem dessas habilidades desde a educação infantil até o fim do ensino fundamental, preparando os alunos gradualmente para lidar com a informação e utilizá-la para aprender, constituindo uma contribuição para a aplicação do conceito de

⁵ <http://www.eci.ufmg.br/gebe>

competência informacional. Paralelamente, o GEBE vem realizando estudos que estão possibilitando a compreensão aprofundada do referido conceito.

Um desses estudos visou a entender como o bibliotecário desenvolve suas próprias habilidades informacionais, já que consideramos que ele tenha compromisso em ajudar as pessoas a aprender com a informação. Investigou-se (CAMPELLO; ABREU, 2005) a maneira como a competência informacional é posta em prática por alunos do curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG, verificando de que maneira o futuro mediador da informação está desenvolvendo habilidades informacionais e se preparando para desempenhar papel significativo no processo de aprendizagem, atuando na formação de pessoas capazes de usar informação para aprender. Os resultados mostraram que, embora detenham diversas habilidades de localizar informação, os futuros bibliotecários ainda lutam com dificuldades para interpretar informação e produzir textos coerentes. Mostraram também que a aprendizagem pela pesquisa é uma excelente maneira de exercitar habilidades informacionais. As pesquisadoras propõem que as escolas de biblioteconomia propiciem aos seus alunos oportunidade para exercitar a aprendizagem independente, de forma a preparar os futuros bibliotecários para desempenhar sua peculiar função pedagógica.

Outro dos estudos do GEBE, que se encontra em andamento, pretende verificar a influência das habilidades de busca e uso de informação nos resultados da aprendizagem. O objetivo é investigar se o desenvolvimento de determinadas habilidades informacionais ajuda o aluno a aprender, em ambiente de aprendizagem construtiva.

Outra vertente de estudos do GEBE buscou entender a competência informacional a partir das propostas educacionais brasileiras. Nesse sentido realizaram-se três estudos tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN⁶.

O primeiro (CAMPELLO; SILVA, 2000) procurou verificar que papel a biblioteca desempenha nas propostas de aprendizagem sugeridas pelos PCN de 1^a. à 4^a. séries, e mostrou que ela é considerada fundamental para o trabalho com a leitura, além de constituir espaço para busca de informações que respondam aos questionamentos surgidos em sala de aula.

⁶ A versão completa dos PCN que incluem o ensino fundamental e o ensino médio está disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/educacao/pdns/sumario.html>. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil está disponível em: http://209.85.135.104/search?q=cache:OcyCICMBuQwJ:portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf_esp_ref.pdf+%22referencial+curricular+para+a+educa%C3%A7ao+infantil%22&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=2. Acesso em: 18 nov. 2006.

O segundo estudo (CAMPELLO *et al.* 2001) teve como objetivo traçar o perfil da coleção de uma biblioteca escolar. Considerando-se que a proposta pedagógica dos PCN tem como base teorias construtivistas de aprendizagem e que, para sua implementação é necessária a utilização de uma variedade de textos que devem estar disponíveis para uso dos alunos na escola, partiu-se do princípio de que a biblioteca seja o lugar por excelência para reunião e compartilhamento desses materiais. Assim, foram identificados nos PCN da educação infantil e do ensino fundamental os conteúdos e os materiais de aprendizagem sugeridos e, a partir daí, delineou-se o perfil ideal da coleção, concluindo que sua característica mais evidente seria a diversidade, já que a aprendizagem proposta nos PCN é baseada nos “textos de fato”, o que exigiria, portanto, coleção que contemplasse a diversidade de textos que circulam socialmente em seus variados suportes.

Finalmente, o terceiro estudo (CAMPELLO, 2006) explorou os PCN, na tentativa de identificar se habilidades informacionais foram sugeridas pelo documento para a formação do aluno. Tomando como base as habilidades informacionais do *Information Power*, analisaram-se os PCN de ensinos fundamental e médio, concluindo-se que todas as habilidades propostas no documento base estão presentes no texto brasileiro. Há ênfase na habilidade de interpretação, mas, em maior ou menor grau, as habilidades de acessar, avaliar e usar informação são propostas para a formação do aluno. Há também sugestões para o desenvolvimento de habilidades de aprendizagem independente, bem como preocupação em propor o desenvolvimento de capacidades para compartilhar informação.

Em conjunto, os três estudos sinalizam que exista um ambiente propício para a ação pedagógica do bibliotecário no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades informacionais.

Outros estudos do GEBE, representados por diagnósticos sobre a situação de bibliotecas escolares (CAMPELLO *et al.* 2000a; ABREU *et al.* 2002; ABREU *et al.* 2004), uso da internet por alunos do ensino fundamental (CAMPELLO *et al.* 2000b), e atividades como seminários⁷, painéis, ciclos de palestras, etc., têm permitido o contato constante com profissionais da área, possibilitando melhor entendimento da realidade das bibliotecas escolares brasileiras. também a reunião dos documentos sobre biblioteca escolar publicados no

⁷Os textos completos dos trabalhos dos Seminários estão disponíveis em:
<<http://www.eci.ufmg.br/gebe/?Semin%Elrios>> Acesso em: 18 nov. 2006.

Brasil desde a década de 1960, agrupados na base de dados LIBES – Literatura em Biblioteca Escolar⁸, tem ajudado o Grupo a manter o seu olhar no contexto nacional.

Assim, ancorando nossas atividades no contexto brasileiro e, ao mesmo tempo, mantendo sintonia com as pesquisas mais recentes realizadas no exterior, acreditamos que seja possível entender melhor que tipo de contribuição o bibliotecário poderá oferecer para a aprendizagem de crianças e jovens e assim ter mais clareza com relação à que tipo de programa de competência informacional poderá ser implantado nas escolas, que contemplem a realidade educacional do país.

Acreditamos que, trabalhando com referenciais do Brasil e com base na sua realidade concreta, será possível afastar-se do discurso idealista, em que a função da biblioteca é mostrada apenas na perspectiva desejável, elaborada a partir de parâmetros estranhos à realidade do país, e passar a se envolver em ações concretas de aprendizagem de habilidades informacionais. Essas ações serão, então, embasadas nos projetos político-pedagógicos de cada escola e atenderão às propostas curriculares de cada uma, fazendo com que cada biblioteca seja um espaço singular de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, V. L. F. G. Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino de Belo Horizonte-MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Associação dos Bibliotecários do Ceará, 2002. CD-ROM.

ABREU, V. L. G. et al. Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino de Belo Horizonte-MG: a situação dos acervos. Encontros BIBLI, Florianópolis, n. 17, 1. sem.2004. Disponível em < http://www.encontrosbibli.ufsc.br/Edicao_17/2_Diagnostico.pdf> Acesso em: 18 nov. 2006.

ALVES, M. P. Biblioteca escolar: tecnologias de informação e currículo. **Liberpolis**, n. 2, p. 69-80, 1999.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential Committee on Information Literacy. **Final report**. Chicago, 1989. Disponível em: < <http://www.ala.org/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.htm#importance>>. Acesso em: 18 nov. 2006.

⁸ A LIBES está disponível em: ><http://www.eci.ufmg.br/gebe/?LIBES>> Acesso em: 18 nov. 2006.

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS/ ASSOCIATION FOR EDUCATIONAL COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. **Information power:** building partnerships for learning. Chicago: ALA, 1998. p. 8-9. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards_final.pdf> Acesso em: 18 nov.2006.

BEHRENS, S. J. A conceptual analysis and historical overview of Information Literacy. **College & research Libraries**, v.55, n.4, p.309-322, 1994.

BEJES, N. C.; DIAS, M. S. Orientação de pesquisa bibliográfica sistematizada em bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., 1973, Belém. **Anais ...** Belém: IBICT, 1973. p. 292-297.

BRUCE, C. **The seven faces of Information Literacy**. Adelaide: Auslib Press, 1997. 203 p.

CAMPELLO, B.; SILVA, M. A. A biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Presença Pedagógica**, v. 6, n. 33, p. 59-67, 2000.

CAMPELLO, B. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003b. CD-ROM. Disponível em: http://www.eci.ufmg.br/gebe/?Publica%E7%F5es:Artigos_e_trabalhos_em_eventos Acesso em: 18 nov. 2006.

_____. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 32, n.3, p. 28-37, 2003a. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=45&layout=abstract>>Acesso em: 18 nov. 2006.

_____. Possibilities for implementation of Information Literacy programs in Brazilian school libraries: information skills in the national Curricular Standards. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANSHIP, 35., 2006, Lisboa. **IASL reports 2006**. Lisbon: IASL, 2006. CD-ROM.

_____. et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Informação & Informação**, v. 6, n. 2, p. 71-88, 2001. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/gebe/?Publica%E7%F5es:Artigos_e_trabalhos_em_eventos>Acesso em: 18 nov. 2006.

_____. et al. Recursos informacionais em bibliotecas escolares: um estudo em bibliotecas de Belo Horizonte-MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 2000a. CD-ROM. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/gebe/?Publica%E7%F5es:Artigos_e_trabalhos_em_eventos>Acesso em: 18 nov. 2006.

_____. et al. [A internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da Web por alunos do ensino fundamental](#). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 2000b. CD-ROM. Disponível em:

<http://www.eci.ufmg.br/gebe/?Publica%E7%F5es:Artigos_e_trabalhos_em_eventos> Acesso em: 18 nov. 2006.

_____.; ABREU, V. L. F. G. Information Literacy and the school librarians' education. **School Libraries Worldwide**, v. 11, n. 1, p. 37-52, 2005a.

_____.; ABREU, V. L. F. G. Competência informacional e a formação do bibliotecário. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 10, n. 2, p. 178-193, 2005b. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/viewarticle.php?id=414&layout=abstract>> Acesso em: 18 nov. 2006.

CARVALHO, M. C. Educação de usuários em bibliotecas escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 9, n. 1, p. 22-29, 1981.

CUARTAS, E. G. D.; GATTI, G. M. Audiovisual para treinamento de usuários em bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11, João Pessoa. **Anais ...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. p. 469-481.

DOYLE, C. **Outcome measures for Information Literacy within the national education goals of 1990**: final report of the National Forum on Information Literacy. Summary of findings. Washington, DC: US Department of Education, 1992. (ERIC document no; ED 351033). Disponível em: <http://www.ed.gov/databases/ERIC_Digests/ed372756.html> Acesso em: 09 jan. 2006.

DUDZIAK, E.A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=156&layout=abstract>> Acesso em: 18 nov. 2006.

INGLES, M.; McCAGUE, A. **Ensinando o uso de livros e bibliotecas**: manual para professores e bibliotecários. Rio de Janeiro: Departamento Administrativo do Serviço Público-DASP, 1952.

KUHLTHAU, C. C. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KUHLTHAU, C. C. **Seeking meaning**: a process approach to library and information services. Norwood, NJ.: Ablex, 1996. 199 p.

LAAN, R. H. van der, FERREIRA, G. I. S. Proposta de um programa de treinamento para usuário de biblioteca escolar. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1991, Salvador. Anais... Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários da Bahia, 1991. p. 354-361.

LANGFORD, L. Information Literacy? Seeking clarification. **School Libraries Worldwide**, v.4, n. 1, p. 59-72, 1998.

MARTUCCI, E. M. Processo educativo na mediação da informação em biblioteca pública: um estudo fenomenológico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 167-187, 1997.

McCRANK, L. J. Information Literacy: a bogus bandwagon? **Library Journal**, v. 116, n. 8, p. 38-42, May 1 1991.

NEVES, I. C. Bitencourt. **Pesquisa escolar nas séries iniciais do ensino fundamental**: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar. 2000. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NÓBREGA, N. G. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. YUNES, E. **Pensar a leitura**: complexidades. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 120-135.

PÉCORA, G. M. M. **Pesquisa na biblioteca escolar**: a eficiência de um roteiro. 1998. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

STRIPLING, B.; PITTS, J. **Brainstorm and blueprints**: teaching library research as a thinking process. Englewood, Colo.: Libraries Unlimited, 1988.

TODD, R. School librarians and educational leadership: productive pedagogy for the information age school. In: LEE, S. et al. (Eds.). **IASL Reports 2005**: information leadership in a culture of change. Erie, PA: International Association of School Librarianship, 2005. Disponível em: <<http://www.iasl-slo.org/proceedings2005.html>> Acesso em: 06 jan. 2006.

TODD, R.; KUHLTHAU, C. C. Student learning through Ohio school libraries, Part I: How effective school libraries help students. **School Libraries Worldwide**, v. 11, n. 1, p. 63-88, 2005a.

TODD, R.; KUHLTHAU, C. C. Student learning through Ohio school libraries, Part II: Faculty perceptions of effective school libraries. **School Libraries Worldwide**, v. 11, n. 1, p. 89-110, 2005b.

UNITED STATES. National Commission on Excellence in Education. **A nation at risk**: the imperative for educational reform. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1983.

WHAT is the Big6™? Big6 Associates, 2004. Disponível em: <<http://www.big6.com/showarticle.php?id=415>> Acesso em: 07 jan. 2006.

Bernadete Campello

Mestre em Biblioteconomia
Professora na Escola de Ciência da Informação da
Universidade Federal de Minas Gerais
campello@eci.ufmg.br

Recebido para publicação em: 22/11/2006
Aceito para publicação em: 20/01/2007